

REPRESENTAÇÃO FEMININA AFRODESCENDENTE NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL CONTEMPORÂNEA.

Rayron Lennon Costa Sousa (UFMA/UEMA)¹
Algemira de Macêdo Mendes (UESPI/UEMA)²

Resumo:

Neste trabalho pretende-se focar as produções literárias infanto-juvenis contemporâneas, buscando evidenciar o lugar da personagem afrodescendente nessas novas perspectivas escritas, representadas positivamente, à luz das discussões sobre a identidade na pós-modernidade. Esta pesquisa classifica-se, segundo sua finalidade, como pesquisa teórico-bibliográfica, utilizando como metodologia a análise-crítica, caracterizada como explicativa, tendo como *corpus* de análise as obras *Menina bonita do laço de fita* (1974), de Ana Maria Machado e *O cabelo de Lelê*, de Valéria Belém (2007). O aporte teórico constitui-se das discussões de Coelho (1991), Zilberman (2014), Hall (2006), Bourdieu (2002), entre outros teóricos.

Palavras-chave: Literatura Infanto-Juvenil Contemporânea; Gênero; Ana Maria Machado; Valéria Belém.

Introdução

As discussões sobre novos lugares e novos protagonismos na literatura brasileira tematizam um cenário literário inovador na contemporaneidade. Nesse momento, Mulheres e Afrodescendentes caminham para garantir uma representação positiva, representação essa negada historicamente por inúmeras formas de dominação. O universo da literatura, através da experiência com o texto literário, subsidia um deleitamento dos leitores para a desconstrução de estereótipos que marcam as identidades dessas mulheres afrodescendentes no campo social e literário. O que antes as tornava inferiores, agora assegura suas identidades e a conquista de seus lugares.

O lugar do negro, do indígena e da mulher nunca esteve tanto em evidência como neste século, embora as discussões tenham iniciado anteriormente na virada do século XIX para o século XX, é na contemporaneidade que a mulher pode escrever e assinar sua escrita, que o negro protagoniza as narrativas e não é obrigado a estar em posição subalterna, dias em que ser mulher e ser negra não caracteriza dois tipos diferentes de preconceito. É partindo desse novo projeto literário que tais protagonismos têm se tornado objeto de reflexões e análises na busca da superação e transformação de um

¹ Professor do Curso de Linguagens e Códigos (UFMA). Graduado em Letras (UNITINS), Mestrando em Letras – Teoria Literária (UEMA). Contato: rayronsousa@hotmail.com.

² Pós-doutora em Literatura (Universidade de Lisboa). Professora do Programa de Pós-graduação em Letras da UEMA. Coordenadora do Mestrado em Letras (UESPI). Contato: ajemacedo@ig.com.br



cenário literário predominantemente masculino e branco na idealização de um cânone democrático.

Nesse sentido, é na literatura infanto-juvenil que objetiva-se investigar de que modo a personagem afrodescendente é representada do ponto de vista étnico e de gênero, contemplando discussões sobre gênero, autoria feminina e a afirmação das identidades, refletindo criticamente sobre as contribuições dessas escritas e protagonismos na formação do público leitor, no universo da leitura como formação social à luz das teorias da identidade na pós-modernidade.

O *corpus* da pesquisa abrange duas obras ficcionais da literatura infanto-juvenil contemporânea: *Menina bonita do laço de fita* (1986), de Ana Maria Machado e *O cabelo de Lelê* (2007), de Valéria Belém. A escolha das obras se deve ao fato de ambas trazerem como protagonistas personagens afrodescendentes conscientes de sua identidade, antevendo um tipo de representação literária positiva no tocante à afrodescendência e ao gênero: ser mulher e ser negra, identificando nessas duas narrativas as relações estabelecidas entre as personagens e os contextos sociais vigentes, assim como suas dinâmicas para a superação dos preconceitos étnico-raciais e de gênero.

Considerando que a análise proposta visa compreender a representação da personagem feminina afrodescendente nas narrativas contemporâneas e as relações de empoderamento dessas personagens e, de modo específico, identificar o caráter afirmativo de suas identidades, o método de investigação adotado é a análise crítica, caracterizada como explicativa, precedida da pesquisa teórico-bibliográfica, com a finalidade de compreender e interpretar através da experiência do texto literário de autoria feminina as discussões acerca das respectivas representações presentes no *corpus* elencado.

Portanto, discutir a conquista de lugares, a afirmação das identidades e a busca pela compreensão das presenças “ainda vigiadas” é construir um panorama não mais pautado na horizontalidade, mas na verticalidade das relações sociais que possibilitam o surgimento de produções literárias de autoria feminina que diversifica, agora, o acervo e os espaços literários da literatura brasileira, espaços esses ancorados em um projeto moderno de equidade social. A leitura pretendida no presente trabalho busca enfatizar as



produções literárias infanto-juvenis contemporâneas, buscando evidenciar o lugar da personagem afrodescendente nessas novas perspectivas escritas.

2 Algumas Considerações sobre Literatura e História na Formação da Literatura Infanto-Juvenil

*“A história é émula do tempo,
repositório dos factos, testemunha do
passado, exemplo do presente,
advertência do futuro”.*
Miguel de Cervantes³ (1547-1616)

Os diálogos entre Literatura e História acontecem todas as vezes que buscamos explicar um fato histórico ou um evento literário, pois não podemos discutir Literatura sem considerar o momento histórico em que ela foi idealizada e publicada, o “tempo”, tampouco sem identificar os lugares em que aconteceram, os “espaços”, não sendo possível desassociar da História as obras literárias que tanto contribuíram com seus manuscritos para a construção das versões do passado que dispomos hoje, como destaca o romancista e dramaturgo Miguel de Cervantes.

Nesse sentido, é partindo da relação simbólica entre Literatura e História e de suas ramificações que buscamos compreender o universo literário que envolve crianças e jovens, no que se refere à Literatura Infantil e Infanto-juvenil, buscando evidenciar o lugar e a representação da personagem afrodescendente feminina na ficção e nas discussões sociais contemporâneas, neste momento partindo de um panorama histórico desse gênero literário, Infanto-Juvenil, embasados não somente na “verdade pura” que a História apresenta, tampouco na discursividade “ficcional” da Literatura, mas no entremeio das duas.

Dísparas e ao mesmo tempo tão dialógicas, Literatura e História caminham juntas objetivando responder aos questionamentos que emergem com os problemas sociais, buscam, além disso, preencher lacunas na própria História, entendida enquanto ciência, e no inconsciente dos leitores, constructo fruto, em partes, pelo viés

³ Maior poeta, romancista e dramaturgo da Língua Espanhola, nascido na cidade de *Acalá de Henares* em 1547, e falecido em 1616, em Madri, ambas as cidades localizadas na Espanha. Autor de grandes clássicos da literatura mundial, como *Dom Quixote de la Mancha*, sua obra mais conhecida, publicada em 1605.



intersubjetivo que a Literatura proporciona. Partindo dessas colocações, o crítico e historiador Alfredo Bosi em “*Entre a Literatura e a História*” (2015, p. 09) define que,

“[...] com a linguagem dos primeiros homens, a poesia lhes deu o abrigo da memória, os tons e as modulações do afeto, o jogo da imaginação e o estímulo para refletir, às vezes agir. Se acolhermos os termos da meditação que Heidegger empreendeu em torno do poético, diremos que antes de ser sentimento e pensamento, memória e fantasia, a linguagem-poesia foi, para a humanidade emergente, a “casa do Ser”. A expressão tem alcance ontológico, mas pode ser interpretada existencialmente: a linguagem permite que as coisas ganhem um sentido público e comunicável na teia intersubjetiva”.

Compreendemos, diante do exposto pelo autor, a relação entre a linguagem e memória para a construção do presente, tendo o passado como espelho e projeção para o futuro, os tempos se inter-relacionando. O autor ainda destaca a importância da linguagem para tornar as coisas comunicáveis, e para isto a importância da história como construção coletiva em diferentes tempos.

Assim, as origens da literatura Infanto-Juvenil têm suas das origens e sua consolidação na Europa enquanto gênero literário, especificamente na França e na Alemanha, na modernidade Ocidental, no século XVII ao XIX, tendo como pressuposto a criança ter sido (re)conhecida e ter tido seu status de leitora garantido por essa ascensão, embora essa literatura só tenha chegado ao Brasil no final do século XIX, através de práticas de tradução e adaptações dos clássicos canonizados mundialmente, trazidos para a América do Sul como nova possibilidade, tendo como objetivo o preenchimento de uma lacuna no universo literário da literatura brasileira, no que tange aos textos literários destinados a crianças e jovens.

Escritores como os *Irmãos Grimm, Anderson, Charles Perrault, Jean de La Fontaine*, entre outros, protagonizaram esse momento com seus escritos, trazidos para o Brasil e incorporados no universo literário brasileiro como produções nacionais, destinadas a uma parte da sociedade, tida como culta, enquanto a massa, a sociedade popular, bebia, ainda, das narrativas orais, principalmente das lendas e contos folclóricos, processo semelhante que pode ser percebido nas “origens da formação literária infantil e infanto-juvenil na Europa, compreendida entre os séculos IX e XVIII”, ratificado pela ensaísta e crítica literária Nelly Novaes Coelho (1991, p. 30).

Assim, Amauri Mendes Pereira em “*África: para abandonar estereótipos e distorções*” (2012, p. 47), afirma que “Os referenciais históricos, simbólicos e estéticos



de matrizes africanas são o ponto de partida para a constituição de uma identidade afro-brasileira, questão das mais sensíveis em nosso país”.

Concomitante com o início desse novo tempo e dessa sensibilidade, no Brasil a literatura infanto-juvenil se consolidava com a inserção dessas minorias de representação política, no final do século XX. Inserção essa fruto dos movimentos sociais que almejavam uma representação positiva, pautada na busca de uma simetria para legitimar essa nova ordem, deixando de lado o que contribui para perpetuar o racismo e as desigualdades de gênero.

Segundo Coelho (1991, p. 5) acerca da conceituação da Literatura Infanto-Juvenil e seus desdobramentos, ela é:

Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo.

Destacamos ainda, que a experiência com o texto infantil e sua narração possui, dentre outras funções, a de compreender o mundo, assim como os valores que o envolve, pois parte da interpretação de como é contada a narrativa. Assim, segundo o professor e escritor Diógenes Buenos Aires de Carvalho (2011, p. 22),

O mundo através da visão da criança possui um caráter interpretativo, pois apresenta, com base nos dados coletados, o lugar que a criança ocupa enquanto narrador, tendo em vista que, ao realizar o processo da reprodução das histórias, é a responsável pela configuração do texto, o que a leva a explicar o seu posicionamento e suas escolhas, que se evidenciam nas marcas encontradas nas narrativas. À medida que o leitor infantil se constitui como narrador, ocupa seu lugar enquanto sujeito sócio histórico, uma vez que ele não apenas seleciona a forma do texto, mas também um conjunto de valores ou normas sociais de sua época.

Nesse sentido, construindo uma relação entre as leituras, inferimos que as narrativas são textos vivos que exercem força subjetiva sobre seus leitores, sobre seu caráter real. Para o filósofo e crítico literário Tzvetan Todorov (2009, p. 11) citando Henry James, ambos afirmam que “[...] a obra literária é um organismo vivo [...]”. Observamos que os autores corroboram entre si sobre a afirmativa que a obra literária não está estagnada, mas se constrói a partir das relações dialógicas entre a tríade: autor-obra-leitor, seguindo a relação de dependência que ambos estipulam entre si para manterem-se vivos.



Partindo dessa assimilação, observamos a necessidade de se discutir no plano da crítica literária, as obras: *Menina bonita com o laço de fita*, de Ana Maria Machado e *O cabelo de Lelê*, de Valéria Belém e suas novas finalidades, no sentido de novas perspectivas e novos protagonismos, identificando os lugares e espacialidades que ocupam na contemporaneidade.

Na gênese do gênero infanto-juvenil no Brasil encontramos os clássicos de Charles Perrault, e em consonância com essas,

[...] histórias de fadas europeias, ao lado de narrativas coletadas entre os descendentes dos povoadores do Brasil. Há histórias de origem portuguesa e também narrativas contadas pelas escravas que educavam a infância brasileira no século XIX. Foi como a tradição popular e oral entrou na literatura infantil brasileira, para não mais sair. (ZILBERMAN, 2014, p. 18)

Nessa perspectiva, a partir das inferências da autora, compreendemos que os textos traduzidos e adaptados por Figueiredo Pimentel, naquele primeiro momento já introduziam a identidade do Brasil nas histórias, com a inserção de elementos da tradição oral, as narrativas contadas pelos escravos, principalmente as mulheres que detinham a responsabilidade de educar os infantes. É partindo dessa aproximação que, não somente a Literatura Infanto-juvenil, mas a própria formação da Literatura Brasileira ganhou voz e vez a partir da aproximação das realidades, tal aproximação resulta na possibilidade de estabelecer diálogos, estreitando a distância entre os universos. Carvalho (2011, p. 37), afirma que,

[...] Ao aproximar o texto do universo do seu receptor, postula-se a possibilidade de se estabelecer o diálogo entre os mesmos e, por conseguinte, tornar possível à criança o acesso ao mundo real, organizando suas experiências existenciais e ampliando seu domínio linguístico, bem como enriquecendo o imaginário.

Nesse sentido, toda aproximação de realidades se faz necessária para a significação da obra literária, não no sentido de canonizá-la, mas de trazê-la para o meio social para que ela tenha vida para além de sua escrita. Salientamos que além da aproximação da narrativa com o universo do leitor, a obliquidade entre textos destinados a adultos e textos destinados a crianças e jovens podem ser lidos por outros públicos. Isto significa dizer que não é regra que os respectivos textos literários estejam “fechados” para um público específico, assim como crianças podem se interessar por textos destinados aos adultos, o processo pode ser inverso.



Nessa perspectiva de escrita, a autora reconstruía e desmembrava uma estrutura de narrativas eurocêntricas, perpassadas desde as origens com os textos traduzidos e adaptados, além de publicar obras que iriam contra o regime político do país, como por exemplo, *História meio ao contrário*, cujo objetivo era estimular a independência dos leitores, sua obra não se restringia a crianças e jovens, mas era um convite aberto aos adultos. Salientamos, ainda, sua grande e importante representação como pioneira na fase de transição da década de 1970/1980.

A partir desse momento, a literatura infanto-juvenil começou a estruturar-se com temáticas novas, a identidade brasileira estava em questão, surgindo histórias protagonizadas por novos sujeitos e novas representações reafirmando o caráter pluriétnico e pluricultural do Brasil, que intervinham nas realidades e tinham a intenção de provocar nos leitores uma reflexão, desmitificando pré-conceitos e preconceitos acerca do “diferente”, não olhando para o que já existe com um sentimento de justiça histórica, mas propondo novas discussões. Não era mais o diferentismo glacial que encantava, mas a diversidade constituidora do Brasil.

Sobre ser mulher e negra, embasada nas discussões étnicas e de gênero, percebemos que foi através de muitos vieses que ela foi excluída do mundo social, ocupando um lugar à margem, silenciada, inferiorizada, retraída sempre para segundo plano, seja por questões ideológicas da época, seja pelo contingenciamento do espírito sexista patriarcalista que se propagava. Tal assertiva é confirmada por Lobo em *A dimensão histórica do feminismo atual* (1999, p. 05):

[...] Ser o outro, o excluído, o estranho é próprio da mulher que quer penetrar no “sério” mundo acadêmico ou literário. Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo da escrita – só podendo introduzir seu nome na história europeia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos. [...]

Após a publicação de *Úrsula*, outras escritoras surgiram isoladamente, cada uma com seu estilo e trazendo à tona inúmeras questões incorporadas por suas protagonistas, muitas vezes, uma projeção pessoal da própria autora, entre elas escritoras de Literatura Infanto-Juvenil. Destacamos no século XX as presenças acentuadas das escritoras: Cecília Meireles, de Raquel de Queiroz, Clarice Lispector, Lúcia Fagundes Telles, Nélida Piñon, Lya Luft, Adélia Prado, Hilda Hilst, Ana Maria Machado, entre outras



que com suas escritas mergulhadas em universos socioculturais apresentaram um Brasil até aquele momento desconhecido por seus moradores.

Diante desses nomes, construiu-se com muito esforço uma literatura diversa em temáticas e em suas significações, embora a escrita feminina tenha sido iniciada no século XVIII, foi somente no final do século XX que essas mulheres tiveram suas ascensões literárias. Tal assertiva é confirmada por Zolin (2005, p. 282) quando afirma que,

[...] se as vozes femininas, assim como as vozes das minorias étnicas e sexuais, estiveram por tanto tempo silenciadas no âmbito social e, conseqüentemente, na literatura, o final do século XX assistiu uma considerável reviravolta nesses domínios: o reconhecimento institucional da existência da literatura escrita por mulheres [...] que essas vozes “outras” sejam ouvidas não apenas entre eles próprios [...].

Nesse sentido, a autora corrobora com a ideia de que estas discussões, assim como a divulgação dessas produções, não devem ficar restritas somente aos iguais, a um grupo específico, mas que lutem para que a sociedade conheça essa nova história, agora contada por muitas vozes. Assim, a necessidade por fazer-se presente na contemporaneidade parte do princípio do reconhecimento institucional da existência da mulher, e do resgate de suas contribuições para a/na formação das sociedades, considerando a necessidade de se (re) escrever a História, agora, sem dominações e sem repressões por serem elas mulheres e libertas.

Portanto, partindo dessas discussões compreendemos o quanto era difícil ser mulher no século XVIII e XIX, no Brasil e no mundo, espaços esses que vangloriavam a ideologia patriarcal, as inúmeras formas de dominação, seja pela submissão, seja pela omissão e negação aos direitos básicos e essenciais para o bem-estar de todos. Percebemos ainda que a literatura foi influenciada pelos movimentos sociais, no caso da participação das mulheres pelo feminismo, e para os afrodescendentes pelo Movimento Negro Organizado, movimentos esses que tinham e têm como dilema a participação social e literária dos excluídos, sejam mulheres, miscigenados, homossexuais etc., na busca pela (re)construção da história com a participação de todos que contribuíram efetivamente com a construção de um novo cenário a partir de suas escritas, para o desenvolvimento de sociedade que não concordava com uma só voz, cujo cenário partiu de uma construção que se deu a partir de ideologias que valorizavam um ideal em detrimento da pluralidade que forma as sociedades.

3 PARA ALÉM DOS CACHOS E DOS LAÇOS DE FITA: ANÁLISE DAS PERSONAGENS FEMININAS DAS OBRAS DE ANA MARIA MACHADO E VALÉRIA BELÉM

[...] Se eu sou marrom e se meu melhor amigo não é exatamente branco, porque é que chamam a gente de preto e branco? Será se é para que fiquemos um contra o outro?

Ziraldo, *O menino marron* (2005, p. 29)

A construção de um panorama que contempla a gênese da Literatura Infanto-Juvenil no Brasil, assim como as discussões sobre Gênero e Poder, Afrodescendência e suas representações e Autoria Feminina subsidia, neste recorte textual, o encontro entre as histórias e estórias advindas das traduções e adaptações, cujos espaços narrativos eram negados às pessoas de cor, defrontando-se com a nova transição temporal que não só oportunizou espaços, mas colocou-os, em especial os afrodescendentes, nas posições de protagonistas e autores de sua própria história.

Os novos protagonismos, ainda tão questionados pelas classes elitizadas e “branqueadas”, representam a equidade social e étnica, ambas deveriam ter sido impostas antes mesmo dos africanos embarcarem nos navios, que se tornaram “Negreiros” pelas condições dos translados e pelas histórias escritas com sangue naqueles porões. Na contemporaneidade as discussões sobre os preconceitos étnicos e raciais ganham voz e ecoam na História, não em uma obsessão por mudar o que já está escrito, mas para que questões como as fenotípicas não possam intervir ou contribuir para as formas de dominações, os regimes e as supremacias que tentaram por tanto tempo apagar o brilho dos olhos dos afrodescendentes.

Assim, os percursos historiográficos literários tecidos anteriormente informam que a Literatura Infanto-Juvenil brasileira, compreendida entre o século XVIII e XIX, não trouxe uma representação positiva do afrodescendente, tampouco da mulher, evidenciando também a ausência da escrita feminina, ambas as negligências foram fruto do patriarcalismo, do ideal étnico branco, e da escrita masculina como características enaltecidas e as únicas aceitáveis, para a composição de um cânone literário que seguia à risca, até o Romantismo, a tentativa de reprodução de uma Europa na América Latina.

Imaginemos como foi árduo ser mulher e ser afrodescendente, duas maneiras de sofrer preconceito numa sociedade com ideais opostos, e como essas questões foram



perpassadas nos textos literários no transcorrer da história. A resposta é imediata: as mulheres e os afrodescendentes foram excluídos da formação do Brasil, tanto no plano textual como nas representações positivas. As poucas menções sempre trazem essas representações em segundo plano e/ou representadas negativamente. A própria escrita feminina era maquiada e assinada de forma “masculinizada”, pois elas, as mulheres, estavam destinadas ao lar e às prendas domésticas, e cabia aos negros o expurgo social, em todos os sentidos dessa palavra.

Adotando uma perspectiva crítica, analisaremos a representação das personagens afrodescendentes na Literatura Infanto-Juvenil Contemporânea. De um lado teremos *Menina bonita com laço de fita*, de Ana Maria Machado, narrativa de grande repercussão, primeiramente por trazer como protagonista uma criança afrodescendente, consciente de sua identidade étnico-racial, em segundo plano pela inserção da mulher no protagonismo, além de não deixarmos de notar a autoria feminina, inaugurando neste gênero literário, em pleno século XX, uma literatura consciente de sua função social, para além da estética do texto literário. De outro lado, em *O Cabeço de Lelê*, de Valéria Belém, encontraremos nas dúvidas da protagonista e nas discussões sobre o seu cabelo, partindo do porquê de todas as coisas, o debruçar-se sobre sua História e de seu povo, buscando todas as respostas que necessita para aceitar-se como é.

As duas autoras, Ana Maria Machado e Valéria Belém, se inscrevem na esfera da transgressão da ficção contemporânea, ultrapassam as categorias e estereótipos, historicamente preconizados e perpassados no âmbito das relações de poder e alteridade, trabalhando diretamente na construção da *psique* dos Infanto-juvenis, através da memória viva e do imaginário realístico, discussões que orientam no sentido de denúncia, e possuem um caráter “previsível”, já que atualmente elas fazem parte, de forma intensificada e contínua, das discussões que tematizam os universos das pessoas de cor e de gênero, no tocante à representação das personagens e suas identidades, seja ela afrodescendente, seja feminina.

Nesse sentido, Ana Maria Machado e Valéria Belém optaram por trazer em suas narrativas personagens afrodescendentes conscientes de suas formações étnicas e culturais, narrativas que se contrapõem literalmente com os clássicos conhecidos no universo da Literatura Brasileira Infanto-Juvenil.



Intenta-se que as discussões proporcione uma compreensão das novas produções infanto-juvenis que trazem como protagonistas mulheres e afrodescendentes, cujo objetivo é a representação positiva das minorias étnicas e sexuais na escrita literária contemporânea.

Considerações Finais

No universo das transformações globais, entre questões políticas e culturais forçadas pela contemporaneidade, estão em evidência as formações identitárias, especificamente da identidade cultural e étnica, que se tornaram palavras de ordem neste novo momento, momento esse que prioriza entre outras especificidades a estética afro, tão em voga neste século, a partir de novos ideais de beleza e matrizes culturais, o que acabou estabelecendo uma ordem cultural que prioriza a identidade ‘natural’ daqueles que por muito tempo se sentiram “aculturados” por outros ideais de beleza, perpassados no âmbito das relações de poder.

Concluimos, a partir da análise construída, que *Menina bonita com laço de fita e O Cabelo de Lelê* são obras infanto-juvenis de grande impacto na formação sociológica e cultural dos leitores, pois traz para o cerne das discussões o protagonismo feminino, a identidade cultural, o pertencimento étnico afrodescendente, bem como o ideal estético afro, como a admiração do coelho branco para com a menina negra ou o auto-reconhecimento étnico vivido por Lelê, recursos que se contrapõem à historiografia literária dos clássicos traduzidos e adaptados, que em sua gênese, no Brasil, não trouxeram personagens afrodescendentes na posição de protagonistas, e quando traziam sempre estavam em segundo plano, assumindo posições subalternas e marginais, perspectiva essa que se alterou com o surgimento de um novo movimento literário encabeçado por Ana Maria Machado, Lygia Bojunga, Ruth Rocha, entre outras que ecoam na literatura Infanto-Juvenil Brasileira.

Referências

- BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. Ilustração Adriana Mendonça. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.
- BOSI, A. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Editora 34, 2015.
- CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. **As crianças contam as histórias: os horizontes dos leitores de diferentes classes sociais**. Teresina: EDUFPI, 2011.

- 
- CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de la Mancha** (Trad. de Viscondes de Castilho e Azevedo). São Paulo: Editora Abril, 1978.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da Literatura Infantil/Juvenil**. São Paulo, Ática, 1991.
- LOBO, L. A. **A dimensão histórica do feminismo atual**. In. RAMALHO, C. (Org) *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999b. P. 41-51.
- MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005
- PEREIRA, Amauri Mendes. **Trajetória e perspectivas do movimento negro brasileiro**. Belo Horizonte: Nandyal, 2008.
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Cairo Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- ZIRALDO . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1613/ziraldo>>. Acesso em: 09 de Mar. 2017.
- ZOLIN, Lúcia Osana. **Crítica Feminista**. In BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. Maringá, 2005.